Tudo que sai de mim vira poesia

Carla Jeane Rolim de castro



Apresentado por

Meu Lado Poético

DedicatÃ³ria

DEDICATÓRIA

Dedico este livro, Tudo que sai de mim vira poesia, à menina que fui, que nunca deixou de sonhar e que encontrou nas palavras uma maneira de transformar sentimentos em poesia.

Foi com o texto “A menina que fui” que fui selecionada no Concurso de Poesia da Editora Ara, para publicação na antologia Brinquedo de Estrela — Antologia de Poemas.

Ter um texto meu escolhido para fazer parte de uma publicação literária é um privilégio imenso e uma conquista que recebo com profunda gratidão.

Afinal, sempre acreditei que os sonhos merecem sair do pensamento e ganhar o papel. Hoje, vejo um deles se tornando realidade por meio da minha escrita.

Dedico esta conquista à menina que fui, à mulher que me tornei e a todos os sonhos que ainda moram em mim.

Porque tudo que sai de mim vira poesia.

Carla Jeane Rolim de Castro

Agradecimentos

Ao meu Pai Alberto Castro. Que apesar de poucos estudos. Sempre foi um grande contador de histórias Ele dizia: quem não tem história pra contar. Nem deveria ter nascido.

Sobre o autor

Carla Jeane Rolim de Castro é amazonense, natural de Manaus, formada em Letras – Língua Portuguesa. Sua escrita nasce das experiências, das memórias, dos sentimentos e dos sonhos que atravessam sua existência. Encontra na poesia uma forma de expressar o que muitas vezes as palavras comuns não conseguem dizer. Escreve sobre a vida, o tempo, as perdas, as descobertas e as diferentes versões de si mesma. Em seus versos, transforma vivências em poesia e sentimentos em palavras.

resumo

Querido Mário Quintana

Quem ama deixa ir

Recebir esse e-mail: Editora Ara. Meu poema: A menina que fui. Será publicado.

Poeta eu!!!

Os sonhos

Quando as postas se fecham a escrita ganha janelas

Doida Doida

Eu não divido amor

Cara de Pau!!!

Micaela: Para Rafael Stein

Agarre minhas mãos ou solta!

Coração de mulher

Minha zona de conforto

Meu íntimo

O que está acontecendo com os jovens?

Querido Mário Quintana

Querido Mario Quintana, Fico olhando para sua foto e imaginando como eu adoraria ter conhecido você pessoalmente. Imagino um velhinho sentado à minha frente, recitando seus versos, enquanto eu ficaria ali, encantada, ouvindo cada palavra. Você não está mais aqui. Mas nos deixou tantas coisas bonitas... e isso me faz feliz. Porque, de alguma maneira, através daquilo que escreveu, ainda podemos sentir sua presença. Nem imagino o tamanho do seu acervo, mas tenho várias poesias suas entre as minhas favoritas. Leio e releio, e cada vez encontro alguma coisa nova. E quando me encontro com suas poesias lindas, elas me inspiram a escrever também. Às vezes me sinto tão pequena diante de um poeta tão grandioso. Mas talvez seja justamente isso que a poesia faz: aproxima os pequenos dos grandes, os que chegaram depois dos que abriram caminhos. Então, querido Mario, mesmo sem nunca ter sentado diante de você, sinto que, de alguma forma, já conversamos. Você escreveu. Eu li. E, inspirada por suas palavras, também comecei a escrever. Talvez seja essa a maneira mais bonita de um poeta continuar vivo: atravessando o tempo através daquilo que escreveu.

Quem ama deixa ir

QUEM AMA DEIXA IR

Carla Jeane Castro

Sabe de uma coisa?

Eu aprendi que quem ama deixa ir.

Se alguém não se sente bem ao seu lado, deixe essa pessoa à vontade para seguir. Não segure. Não impeça. Você não vai morrer por isso.

Às vezes, é Deus escrevendo um novo capítulo em nossa vida.

Quando olho para trás, vejo quantas vezes Deus agiu sem que eu sequer percebesse. Algumas portas se fecharam, outras se abriram. E a vida continuou.

Há tanta coisa boa para fazer, tantos caminhos para descobrir, tantos sonhos para realizar.

Olha eu aqui, na minha distração.

Escrevendo. Criando. Sonhando. Transformando aquilo que sinto em palavras.

E sabe o que é mais bonito?

Eu não precisei fazer mal a ninguém para continuar a minha caminhada.

Nossa vida é um grande livro aberto. Enquanto estamos aqui, ainda existem páginas em branco esperando para serem preenchidas.

Então, meu querido, não espere que eu caia aos seus pés pedindo para você não ir embora.

Vá.

Seja muito feliz.

Realize todos os seus sonhos.

E, quem sabe, encontre a mulher ideal para você.

Só espero que você não siga os meus passos.

Porque eu aprendi que liberdade é para todos.

E, quando existe amor de verdade, até a despedida pode ser uma forma de desejar:

Vá em paz.
Vá ser feliz.
E deixe-me escrever o próximo capítulo da minha própria história.

Recebir esse e-mail: Editora Ara. Meu poema: A menina que fui. Será publicado.

Olá, Carla Jeane Rolim de Castro.

Após a análise e avaliação do seu manuscrito, temos o prazer de informar que seu poema **A menina que fui** foi aprovado para publicação na Antologia *Brinquedo de Estrela ? Antologia de Poemas*.

Agradecemos pela participação e ficamos muito felizes em contar com você nesta edição.

Poeta eu!!!

POETA EU
Acho que sim.
Talvez eu seja poeta.
Porque tudo me toca.
Uma conversa marcante,
um olhar,
uma palavra atravessada,
uma lembrança que insiste em ficar.
Há pessoas que passam
e desaparecem com o tempo.
Eu, não.
Eu guardo.
Guardo a frase que me feriu,
o carinho que me salvou,
a pessoa que um dia foi querida
e a memória daquele momento
em que precisei respirar fundo
para continuar.
Até o que me desagrada
encontra caminho para o papel.
Talvez ser poeta seja isso:
não deixar a vida passar
sem escutá-la.
É transformar silêncio em voz,
memória em verso,
sentimento em palavra.
Carla Jeane Rolim de castro

Os sonhos

OS SONHOS

Sonhos são como vinho:
não envelhecem,
amadurecem.

Nossa adega é o coração,
onde guardamos, em silêncio,
garrafas de sonhos
de todas as idades.

Há sonhos de uma década,
que continuam intactos,
esperando apenas
o momento de serem abertos.

Há sonhos recentes,
novinhos em folha,
que acabaram de chegar
trazendo consigo
o perfume da esperança.

E há aqueles
que ainda nem chegaram,
mas que já têm lugar reservado
na prateleira do futuro.

O tempo pode passar.
Nós podemos envelhecer.
Os cabelos podem ganhar fios brancos,
as mãos podem carregar marcas da vida,
os passos podem ficar mais lentos...

Mas os sonhos, não.

Eles ficam mais bonitos
quando amadurecem dentro de nós.

Porque sonhar
é uma maneira de permanecer vivo.

Somos feitos de sonhos.
Movidos por eles.
Alimentados por eles.

É um sonho que faz alguém
vestir um jaleco branco
e querer ser médico.

É um sonho que leva outro
a defender vidas e direitos
atrás de uma mesa de advogado.

É um sonho que coloca um professor
diante de uma sala de aula
para transformar futuros.

É um sonho que faz alguém desejar
uma casa,
um carro,
um cargo público,
uma família,
uma vida melhor.

E também existe
o sonho aparentemente pequeno
de quem deseja apenas
ser poeta.

Mas quem disse
que um sonho precisa ser grande
aos olhos do mundo?

Às vezes,
ser poeta é carregar um universo
inteiro dentro do peito
e transformá-lo em palavras.

Por isso,
não deixe seus sonhos morrerem.

Guarde-os.

Cuide deles como quem cuida
de uma garrafa rara,
daquelas que o tempo não destrói,
apenas aprimora.

Porque enquanto houver sonho,
haverá esperança.

Enquanto houver esperança,
haverá caminho.

E enquanto o coração
ainda tiver espaço para sonhar,
nenhum de nós estará velho demais
para começar outra vez.

Afinal,
a vida pode até passar...

Mas os sonhos,
quando verdadeiros,
ficam cada vez melhores

com o tempo.

Quando as postas se fecham a escrita ganha janelas

Quando as Portas se Fecham, a Escrita Abre Janelas

Já que algumas portas se fecharam,
não fiquei diante delas
batendo com as mãos do desespero.

Procurei outra passagem
e encontrei a escrita.

Ela estava ali,
quietinha,
como uma janela esperando ser aberta.

Entrei.

E descobri que as palavras
não conhecem idade,
não carregam calendário
nem perguntam quantos anos temos.

A escrita não olha para o rosto,
olha para dentro.

Ela não pergunta
se você é menino ou velho,
doutor ou aprendiz,
se chegou cedo
ou se demorou para chegar.

Ela simplesmente sussurra:

? Comece.

E quando a primeira palavra nasce,
a mágica acende suas luzes.

Uma palavra chama outra,
uma frase encontra seu caminho,
e o pensamento, antes adormecido,
abre os olhos.

De repente,
a folha deixa de ser folha
e se transforma em estrada.

A caneta vira ponte,
a imaginação ganha asas
e aquilo que morava escondido no peito
encontra uma porta para sair.

Você pode ser um menino
inventando mundos no quintal
ou um velho carregando
séculos de histórias no olhar.

Pode ser doutor durante o dia
e poeta quando a noite chegar.

Pode escrever sobre o que viveu,
sobre o que sonhou,
sobre o que perdeu,
sobre aquilo que ainda espera encontrar.

Porque a idade
não deve ser uma muralha.

Ela é apenas uma cicatriz do tempo,
um livro escrito pelo caminho,
um título de experiência.

O tempo pode enrugar as mãos,
mas não precisa envelhecer os sonhos.

Enquanto houver uma palavra
querendo nascer,
há uma história querendo viver.

E talvez seja esse
o segredo mais bonito da escrita:

não importa quando você começa.

Importa apenas
que tenha coragem
de abrir a primeira porta.

Depois dela,
há um mundo inteiro
esperando pela sua voz.

Doida Doida

DOIDA, DOIDA Já me chamaram de doida porque gosto de escrever. Como se minhas palavras fossem tempestades sem abrigo, como se sentir demais fosse doença e escrever fosse um crime contra a normalidade. Se isso é loucura, então sou louca varrida. Mas cuidado: minha loucura tem biblioteca. Tem memória nas paredes, poemas escondidos nos bolsos, histórias dormindo nas gavetas e um coração que transforma ferida em palavra. Vocês chamam de loucura aquilo que não conseguem compreender. Eu chamo de liberdade. Enquanto alguns carregam a cabeça vazia como uma casa abandonada, a minha transborda. Transborda pensamento, transborda sentimento, transborda histórias que não cabem dentro do silêncio. E talvez seja isso que incomode. Por isso tranco minhas gavetas. Não porque tenha vergonha dos meus versos, mas porque nem todo mundo merece colocar os olhos naquilo que minhas mãos escreveram com sangue, lágrimas e coragem. Meus poemas não são brinquedos para mãos que gostam de desmontar sentimentos. São pedaços de mim. E quem não sabe ler uma alma não deveria tocar em seus versos. Criticam. Abelhudam. Apontam o dedo para aquilo que não tiveram coragem de escrever sobre si mesmos. Chamam de exagero a minha intensidade. Chamam de loucura a minha sensibilidade. Chamam de besteira aquilo que, para mim, foi sobrevivência. Mas eu aprendi: há pessoas que só respeitam uma obra depois que ela ganha capa. Enquanto eu escrevo, riem. Enquanto eu sonho, duvidam. Enquanto eu construo palavra por palavra, fazem pouco caso. Mas não venham depois com aplausos nas mãos. Não venham dizer que sempre acreditaram. Porque eu me lembrarei de cada riso, cada crítica, cada olhar atravessado, cada palavra que tentou diminuir o que eu estava construindo. Quando minhas gavetas se abrirem e aquilo que chamaram de loucura virar livro, virar obra, virar história, talvez entendam. Eu nunca tive a cabeça oca. Eu tinha era um universo inteiro fazendo barulho dentro dela. E vocês confundiram o barulho da criação com o silêncio da loucura. Então, sim: sou doida. Doida pelas palavras. Doida pelas histórias. Doida pela poesia. Doida por transformar cicatrizes em versos. E se escrever é loucura, que ninguém tente me curar. Porque essa é a minha loucura preferida: pegar tudo aquilo que me feriu e devolver ao mundo em forma de poesia. Carla Jeane Castro

Eu não divido amor

EU NÃO DIVIDO AMOR "Não quero ser felicidade construída sobre a tristeza de outra pessoa." Carla Jeane Castro --- I ? INTEIRA Nunca fui mulher de troca, sempre fui mulher de entrega. Não entro em um coração como quem apenas chega, fica por uma estação e parte sem deixar saudade. Quando amo, não conheço metades. Sou inteira, sou presença, sou verdade. Nunca fui de ficar por ficar, nem de colecionar histórias para alimentar vaidades. Meu coração nunca foi hotel para amores de passagem. Fui mulher de um só companheiro, de uma história, de um caminho, de um amor para chamar de meu. --- II ? O ANEL Há quem não veja perigo em abraçar um coração que já traz outro nome e um anel no dedo. Eu vejo. Para mim, aquele anel não é apenas metal. É uma fronteira. É uma promessa. É a placa silenciosa dizendo: "Aqui já existe alguém." E eu respeito. Se você já tem seu par, vá para longe de mim. Não atravesse minha porta com o coração ocupado. Não me ofereça o que já foi prometido a outra pessoa. --- III ? O TRIÂNGULO Nunca vivi triângulos amorosos. E nem quero. Triângulo, para mim, tem três pontas e nenhuma delas parece segura. Uma ponta fere, outra espera, e a terceira quase sempre sangra. Amor não deveria ser labirinto, nem segredo escondido, nem encontro marcado nas sombras da madrugada. Eu prefiro a luz. Prefiro o amor que pode dizer meu nome sem precisar sussurrá-lo. --- IV ? MEU AMOR ESTÁ EM CASA Meu amor está em casa. E essa frase, para mim, é suficiente. Enquanto tantos procuram aventuras pelas esquinas, eu escolho voltar. Enquanto alguns procuram emoções proibidas, eu prefiro a paz de uma consciência tranquila. Meu coração não precisa de uma segunda porta. Ele já tem morada. --- V ? EU NÃO DIVIDO Eu não divido amor. Não por egoísmo. Mas por respeito. Não quero ser a mulher que sorri enquanto outra chora. Não quero construir meu castelo com os tijolos da destruição de outro lar. Não quero ser tempestade na casa de ninguém. Minha felicidade não precisa nascer da infelicidade alheia. --- VI ? INTEIRO Eu quero amor inteiro. Sem esconderijos. Sem desculpas. Sem mensagens apagadas. Sem encontros secretos. Sem promessas divididas. Quero mãos que possam me tocar sem medo de serem vistas. Quero um amor que caminhe ao meu lado sob o sol, sob a chuva, sob os olhos do mundo. Porque amor verdadeiro não precisa viver escondido. --- VII ? MEU PRINCÍPIO Se você já tem alguém, respeite quem está ao seu lado. E respeite também a mulher que você encontra pelo caminho. Não transforme desejo em promessa. Não transforme carência em amor. Não transforme uma aventura em destruição. Eu escolho não participar. Escolho ficar inteira. Escolho dormir em paz. Escolho não carregar no peito a culpa de ter quebrado o que não era meu. --- VIII ? FINAL Meu coração não quer metade. Não quer sobras. Não quer migalhas. Não quer ser segredo. Meu coração quer verdade. Porque, para mim, amar não é possuir. Amar é respeitar. É chegar sem expulsar ninguém. É ficar sem ferir ninguém. É construir sem destruir. E se um dia eu tiver que escolher entre um amor proibido e a paz da minha consciência, eu escolho a paz. Porque aprendi, com a vida e com o tempo: não preciso destruir um lar para construir minha felicidade. E se o teu coração já pertence a alguém, não venha para o meu. Eu não divido amor. Eu amo por inteiro. Carla Jeane Castro Do meu coração para o papel.

Cara de Pau!!!

Prefiro os poetas dos sentimentos Poesia é algo tão bonito, há tanta coisa para expressar, tantos sentimentos escondidos, tantas emoções para revelar. Não me identifiquei com certo poeta, que faz do erotismo sua inspiração. Li todas as suas poesias, mas não encontrei nelas o que procura meu coração. Se esse é o seu universo poético, fique à vontade para escrever. Mas há tanta beleza no mundo, tantos sentimentos para descrever! Há outro que parece gostar de tudo aquilo que escrevo, mas também demonstra encanto por versos que não são do meu apreço. E assim vamos conhecendo as pessoas, um pouquinho de cada vez. Às vezes, são os gostos que revelam o que as palavras não nos dizem. Não condeno a poesia de ninguém, cada um escreve o que sente. Mas amizade também é afinidade, é reconhecer-se no outro, naturalmente. Não quero colecionar amizades nas quais não me reconheço. Prefiro quem encontra beleza naquilo que também considero precioso. Prefiro os poetas dos sentimentos, que escrevem com a alma e o coração, que transformam dores em versos, e sentimentos em inspiração. Porque, para mim, poesia não precisa despir corpos para revelar profundidades. Há almas que se despem em palavras e revelam suas maiores verdades.

Micaela: Para Rafael Stein

Micaela, você foi amada! Autora: Carla Jeane Castro Onde você estiver, saiba de uma coisa: você não foi apenas querida, você foi amada! E existe uma diferença enorme entre ser lembrada e ter sido profundamente amada. Rafael, quando você conta a história do câncer de sua esposa, talvez nem perceba, mas faz uma das mais lindas declarações de amor que um homem pode fazer a uma mulher. Fiz pausas para ler, porque algumas palavras não passam simplesmente pelos olhos, elas atravessam o coração. Imaginei o choro que não se conteve, as fotografias, o corte dos cabelos, os dias difíceis, as batalhas enfrentadas a dois. Imaginei o amor que permaneceu mesmo diante da dor. E depois veio a partida... Mas você ficou. Com saudade, com lembranças, com filhos para cuidar e uma vida inteira para continuar. Vi em suas palavras a força de um pai, a sensibilidade de um homem e a coragem de alguém que precisou aprender a viver com a ausência. As palavras têm poder! E quando um homem fala de amor, sem esconder as lágrimas, ele ensina que sensibilidade também é uma forma de coragem. Seu trabalho é importante, sua experiência pode alcançar quem hoje atravessa o luto sem saber como encontrar forças para levantar no dia seguinte. Talvez alguém precise ouvir sua voz para descobrir que não está sozinho. Micaela, seus filhos estão bem cuidados, estão protegidos e carregam um pouco de você em cada gesto, em cada lembrança. Rafael, você ofereceu o seu melhor à sua família. E talvez essa seja uma das mais bonitas formas de amar: continuar cuidando daquilo que o amor deixou. Porque algumas pessoas partem, mas nunca deixam de existir na história de quem as amou. Micaela, você foi amada. E um amor assim não desaparece.

Agarre minhas mãos ou solta!

Agarre Minha Mão ou Solte Amar também é deixar ser, deixar o outro escolher o caminho, o tempo, o mundo que deseja conhecer. Você escolheu ficar comigo, mas, às vezes, parece querer ganhar o mundo inteiro, enquanto eu fico aqui, sentindo a casa crescer em silêncio e a companhia diminuir. E quando você está tranquilo em casa e sou eu quem decide sair, seu silêncio muda de cor, a porta se fecha, e parece que a minha liberdade fere o seu coração. Então me diga, amor: agarre minha mão ou solte. Não me segure pela metade. Não me deixe presa a uma presença ausente, a um abraço que chega somente depois da distância. Você sempre volta. E talvez seja esse retorno que ainda alimenta a esperança de que um dia você escolha permanecer não porque eu fiquei, mas porque quis ficar. Enquanto isso, eu viajo. Minha mente conhece caminhos que meus pés nunca percorreram. Moro um pouco na realidade e outro tanto nos meus sonhos. Às vezes, você está neles. Às vezes, eu reparto meus sonhos com alguém que nem conheço, mas que, dentro da minha imaginação, vive me esperando. Estou em casa, mas minha alma passeia por outras paisagens. Meu corpo está aqui, mas meus pensamentos já atravessaram oceanos. Talvez eu seja especial para algum sonhador como eu. Alguém que entenda que amor não é uma gaiola, é uma janela aberta. Que amar não é impedir o voo, é ter para onde voltar. E eu não quero ser apenas o lugar para onde você retorna quando o mundo cansa. Quero ser a mão que você escolhe segurar mesmo quando o mundo chama. Porque eu também tenho asas. Também tenho sonhos. Também quero viver. Por isso, amor, não me peça para escolher entre você e a liberdade. Se quiser caminhar comigo, caminhe. Se quiser ficar, fique por inteiro. Mas, se for para me amar pela metade, não me prenda. Agarre minha mão ou solte. Porque eu posso até esperar por você, mas não nasci para morar eternamente na espera. ? Carla Jeane Castro

Coração de mulher

Coração de Mulher Livre Aqui estou, sozinha, escrevendo, feito quem costura a própria emoção, fazendo do silêncio um abrigo, e das palavras, minha canção. Escrevo para deixar o dia leve, para a tristeza não fazer morada, para encontrar uma paz que ninguém entrega, mas que nasce em mim, silenciosa e encantada. Bebo água de sabedoria, tomo um suco doce de poesia, e mergulho em oceanos profundos, sem sair do quarto, sem deixar meus mundos. Da minha cama parto para longe, nas asas de um verso que o sonho esconde, atravesso mares, atravesso céus, e encontro estrelas nos próprios papéis. Meus versos eu gosto de ler, porque nasceram dentro do meu ser. São pedaços da minha história, pequenas sementes buscando memória. Ninguém pode roubar o que em mim nasceu, nem apagar aquilo que a alma escreveu. Minhas ideias são pássaros em revoada, voam livres pela madrugada. Gosto da liberdade de escrever tudo aquilo que desejo dizer. Posso falar de mim, falar de você, ou de alguém que ainda nem cheguei a conhecer. Posso escrever sobre um rosto sonhado, sobre um amor ainda não encontrado, ou sentir saudade, sem explicação, de alguém que sequer ganhou um nome em meu coração. E talvez seja esse o segredo que mora em meu peito, sem medo: sou mulher de alma viajante, de pensamento inquieto e coração errante. Não preciso de asas para voar, basta uma palavra para me transportar. Minha caneta é barco, meu pensamento é mar, meus versos são ondas que não sabem onde parar. E quando escrevo, o silêncio floresce, a dor adormece, e alguma coisa em mim renasce. Porque há dentro de mim um universo inteiro, um céu sem fronteira, um caminho sem fim. E enquanto houver poesia pulsando em meu coração, terei sempre uma janela aberta para a imaginação. Sou mulher livre, nascida para voar, e quando minhas mãos escrevem, nem o mundo consegue me parar. Carla Jeane Castro

Minha zona de conforto

Minha Zona de Conforto Minha zona de conforto tem paredes e janelas, tem cheiro de café, tem vozes conhecidas e abraços que acalmam. Minha zona de conforto é a minha casa, é estar perto da minha família, é onde meu coração não precisa viver em alerta. Lá fora existem estradas, mares, céus e caminhos. Mas nem todo caminho me traz tranquilidade. Não gosto do frio na barriga, daquela sensação estranha que invade o corpo quando estou dentro de um carro sem estar no comando. Sou passageira, mas meu medo quer ser motorista. Suam minhas mãos, acelera o coração, e cada curva parece uma pergunta sem resposta. Tenho minhas fobias, meus medos particulares, fantasmas que ninguém enxerga, mas que eu sinto quando o medo chega. Tem gente que ama pegar a estrada, sair da cidade, descobrir novos lugares, colecionar paisagens. Eu prefiro o meu quintal, o churrasco de casa, a conversa da família, o riso espalhado pelos cômodos. Prefiro o conhecido ao desconhecido. Prefiro o meu sofá a uma estrada distante. Porque aqui eu não preciso fugir de nada. Aqui, minha casa é abraço, é abrigo, é raiz. É o lugar onde minha alma tira os sapatos, solta os cabelos e finalmente descansa. Não sei se isso é medo ou simplesmente o meu jeito de encontrar felicidade. Só sei que, quando estou em casa, perto dos meus, meu coração encontra silêncio. E talvez seja isso que tanta gente procura quando sai pelo mundo: um lugar onde possa simplesmente respirar. Eu já encontrei o meu. É aqui. Na minha casa. No meu porto seguro. ? Carla Jeane Castro

Meu íntimo

Meu íntimo Fiz versos para tudo, e para todos. Para o meu pai, para minha mãe, para meus irmãos, para meus filhos, para meus netos, para o cachorro que também fez morada em alguma parte de mim. Fiz versos para os sonhos que me fizeram continuar, para os medos que quase me fizeram parar. Escrevi para a criança que fui, para a adolescente que sonhou, para a mulher que aprendeu a sobreviver às próprias dores. Escrevi para a educação, para os encontros, para as despedidas, para as perdas, para aquilo que chegou e para aquilo que partiu sem pedir licença. Escrevo porque preciso. Porque quando escrevo, a vida pesa menos. Meu coração é cheio de gavetas. Cada uma guarda uma história, um segredo, uma lembrança, uma saudade, uma ferida. E dentro de mim há tantas facetas... Sou feita de tudo que vivi, de tudo que senti, de tudo que perdi, de tudo que amei. Então abro minhas gavetas uma por uma e deixo as palavras saírem. O que dói, vira verso. O que encanta, vira poesia. O que assusta, vira coragem escrita. O que não consegui dizer, vira página. E assim vou me curando do que passou por mim. Não porque esqueci. Mas porque aprendi a transformar memória em poesia e dor em palavra. Escrever é meu jeito de não guardar o mundo dentro do peito. É meu jeito de respirar. De me libertar. De me encontrar. De colocar para fora aquilo que, por tanto tempo, morou aqui dentro. Assim sou eu. Uma mulher cheia de histórias, de gavetas, de cicatrizes e de poesia. E tudo aquilo que toca meu íntimo... de algum jeito, vira verso.

O que está acontecendo com os jovens?

O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM OS JOVENS?

O que está acontecendo com os jovens?
Que chegam à escola,
lugar onde deveriam aprender,
sonhar, crescer e construir o amanhã,
mas esquecem que ali também
é preciso respeitar?

Onde antes havia aprendizado,
agora, às vezes, há gritos,
baderna, destruição.
Portas quebradas,
mesas riscadas,
cadeiras destruídas,
paredes pichadas
como se aquele espaço
não pertencesse a ninguém.

Mas pertence.

A escola é de todos.
É do aluno,
é do professor,
é da comunidade,
é daqueles que acreditam
que o conhecimento pode mudar destinos.

E então vem o mais triste,
o mais assustador,
o que jamais deveria acontecer:

um professor de costas para a turma,

escrevendo no quadro,
entregando conhecimento,
sem imaginar que, atrás dele,
alguém alimenta a violência.

Um mestre sendo ferido
por causa de uma nota.

Uma nota baixa
que virou motivo de vingança.

Mas uma nota é apenas um número.
Pode ser recuperada.
Pode ser melhorada.
Pode haver outra oportunidade.

A vida, não.

Professor não é inimigo.
Professor é mestre.
É quem ensina,
quem corrige,
quem orienta,
quem muitas vezes acredita no aluno
mesmo quando ele já não acredita em si.

Precisamos ensinar nossos jovens
que respeito não é fraqueza,
que disciplina não é castigo,
que limite também é cuidado.

Aluno tem direitos,
mas também tem deveres.

Pode questionar,
pode discordar,

pode reclamar de uma nota,
mas jamais pode transformar
a frustração em violência.

Que ninguém se esqueça:

uma escola destruída
é um pedaço do futuro destruído.

Uma cadeira quebrada
pode ser substituída.

Uma porta pode ser consertada.

Uma parede pode ser pintada novamente.

Mas uma vida ferida,
um professor traumatizado,
uma família destruída
não se conserta com facilidade.

Que voltemos a ensinar
o valor da palavra,
do respeito,
da responsabilidade
e da disciplina.

Porque escola é lugar de conhecimento.

Professor merece respeito.

E aluno precisa entender
que aprender também é aprender
a conviver,
a respeitar
e a ser responsável

pelas próprias escolhas.

Antes que a violência
cale para sempre
a voz daqueles
que só queriam ensinar.

Carla Jeane Castro
E-mail: carlajeanerolim@gmail.com